

XI Jornadas de Sociología. Facultad de Ciencias Sociales, Universidad de Buenos Aires, Buenos Aires, 2015.

## **EFICACIA E INEFICACIA DE LAS POLÍTICAS PÚBLICAS DE INCLUSIÓN SOCIAL, SEGURIDAD Y COMBATE A LA VIOLENCIA EN EL INTERIOR DEL NORDESTE BRASILEÑO DE 2007 A 2013.**

José dantas de Sousa Junior Junior.

Cita:

José dantas de Sousa Junior Junior (2015). *EFICACIA E INEFICACIA DE LAS POLÍTICAS PÚBLICAS DE INCLUSIÓN SOCIAL, SEGURIDAD Y COMBATE A LA VIOLENCIA EN EL INTERIOR DEL NORDESTE BRASILEÑO DE 2007 A 2013*. XI Jornadas de Sociología. Facultad de Ciencias Sociales, Universidad de Buenos Aires, Buenos Aires.

Dirección estable: <https://www.aacademica.org/000-061/17>

*Acta Académica es un proyecto académico sin fines de lucro enmarcado en la iniciativa de acceso abierto. Acta Académica fue creado para facilitar a investigadores de todo el mundo el compartir su producción académica. Para crear un perfil gratuitamente o acceder a otros trabajos visite: <https://www.aacademica.org>.*

## **Eficácia e ineficácia de políticas públicas de segurança e combate a violência no interior do nordeste brasileiro**

José Dantas de Sousa Junior

Doutorando do Programa de Pós-graduação  
em Ciências Sociais da UFRN

E-mail: yjunior2013@yahoo.com.br

### **RESUMO**

Esse é o resultado de um trabalho de final de curso que procurou investigar a eficácia e a ineficácia de políticas públicas voltadas para a segurança no interior do nordeste brasileiro, a partir de um estudo sobre o CEAV – Centro de Apoio às Pessoas Vítimas de Crime- na cidade de Campina Grande, interior da Paraíba. Um programa do governo que tem a função de prestar serviços de restauração a pessoas vítimas de qualquer espécie de delito e que necessitem de um serviço assistencial gratuito. Através de uma análise dos dados da instituição e de entrevistas e questionários aplicados com os seus técnicos, além de pesquisa em outros órgãos responsáveis, como delegacia da mulher e números levantados nacional e regionalmente por órgãos responsáveis, levantamos um mapa do perfil das pessoas vítimas de crime, por gênero, graus de instrução, etnia e outros aspectos. Além disso, detectamos as falhas de proteção às vítimas e do próprio CEAV, desde a logística até uma quantidade pequena de funcionários para uma enorme demanda. No perfil das vítimas, encontramos um maior número de casos sendo de violência familiar, principalmente contra o idoso e contra crianças, e a maioria praticada pelos seus familiares ou responsáveis, como pretendemos demonstrar.

Palavras chave: Violência; Políticas; Restauração; CEAV; Responsáveis.

### **RESÚMENE**

Este estudio es el resultado de un trabajo de investigación al final de una carrera que buscó investigar la eficacia e ineficacia de las políticas públicas, direccionadas a la seguridad en el interior del nordeste brasileño, a partir de un estudio sobre el CEAV – “*Centro de Apoio às Pessoas Vítimas de Crime*” – en la ciudad de Campina Grande, interior de Paraíba. Un programa del gobierno que tiene la función de prestar servicios de atención a las personas víctimas de cualquier delito y que necesiten de un servicio de asistencia gratuita, eso se logra a través de un análisis de los datos de la institución,

así como, de entrevistas y cuestionarios aplicados, además otros órganos responsables, como comisaría de la mujer y números levantados regionalmente y nacionalmente por órganos comprometidos, levanta una hoja con el perfil de personas víctimas de crimen, por género, grados de instrucción, orígenes y razas entre otros aspectos. Además, detectamos las fallas de protección a las víctimas y del propio CEAV, desde la logística hasta una pequeña cantidad de funcionarios para una demanda de gran porte. En el perfil de las víctimas, encontramos que el mayor número de casos es la violencia familiar, principalmente en los ancianos y niños, siendo la mayoría de estos crímenes hechos por familiares o responsables, como se pretende explicar.

Palabras clave: Violencia; Políticas; Restauración; CEAV; Responsables.

## **INTRODUÇÃO**

O objetivo desse artigo é de divulgar dados e fazer uma reflexão teórica sobre a aplicação de políticas públicas no interior do estado da Paraíba e conseqüentemente tomando como base desta pesquisa, o interior do nordeste brasileiro. Para isto tomamos como universo empírico as vítimas atendidas pelo CEAV – Centro de Apoio às Vítimas de Violência - em Campina Grande e suas cidades circunvizinhas. Tendo como ponto fundamental neste universo de pessoas atingidas de alguma forma por um ato de violência, sendo até mesmo emocional, levamos como base os familiares de usuários de drogas e pessoas de baixa renda, moradores de bairros periféricos na sua grande maioria e que mais procuraram este serviço público. Além desta instituição foram pesquisados dados sobre a violência na cidade de Campina Grande, cidades circunvizinhas e até mesmo na capital do estado, João Pessoa através de órgãos como a delegacia da mulher, outras delegacias, conselhos tutelares e outros órgãos que trabalham a questão da violência. A pesquisa foi feita entre os anos de 2007 e 2012, desde um pouco antes da criação desta instituição, já mostrando a necessidade de políticas públicas de combate à violência e o crescente desenvolvimento da droga no Estado, principalmente o Crack. Estes dados, obtidos através dos números fornecidos e de entrevista com os responsáveis, tais como as assistentes sociais, psicólogos e advogados, nos mostram a eficácia e a ineficácia de políticas públicas de proteção à sociedade no nordeste brasileiro e em especial no interior do estado da Paraíba.

O CEAV é um programa que integra o Sistema Nacional de Proteção a Pessoas Ameaçadas, desenvolvido pelo Governo Federal, através da Secretaria Especial de Direitos Humanos da Presidência da República. Em geral, atua nos municípios, como em Campina Grande, através de convênios, parcerias, Prefeituras, Ministério Público Estadual, Defensorias

Públicas, Sociedade Civil e entidades de Direitos Humanos. Institucionalmente busca consolidar uma rede formada por instituições governamentais e não governamentais para desenvolver ação de enfrentamento e de prevenção à violência e suas consequências. Nesse sentido, entre outras ações tenta prestar apoio às vítimas desses atos, aos seus familiares e dependentes através de uma ouvidoria de qualidade, no qual acolhe, orienta e oferece suporte psicossocial e jurídico, além de encaminhá-las para uma rede referenciada a fim de garantir continuidade dos serviços prestados.

Com relação ao quadro da violência do estado da Paraíba, informações da Secretaria de Segurança Pública da Paraíba, entre os meses de Janeiro e Agosto de 2011, foram registradas neste estado 1.100 assassinatos, o que perfaz mais de 100 homicídios por mês. Aquela secretaria ainda informa que em 2009, ocorreram 1.251 mortos. Já em 2010 foram registrados 1.485 homicídios. Portanto, entre 2009 até agosto de 2011, ocorreram 3.836 homicídios, chegando até Dezembro ao patamar dos 4.436 casos na Paraíba. Isto significa dizer que no Estado, a taxa de homicídios é de 344 em cada 100 mil habitantes bem superior à média normal que é de 26 assassinatos para cada 100 mil pessoas. Esses dados são mais graúdos se verificarmos que a Paraíba apresenta uma população de apenas 3.766,328 habitantes frente à população do país, que estava em torno de 180 milhões de pessoas (Portal Independente, 01/09/2011). No Mapa da Violência do Brasil (WAISELWISZ, 2011) as duas maiores cidades do estado, Campina Grande e a capital João Pessoa figuram entre as cidades mais violentas do país e a Paraíba como um estado que teve um aumento em sua taxa de mortalidade. Para a Organização Mundial de Saúde e outros organismos das Nações Unidas, quando a taxa de homicídios ultrapassa 10 homicídios em cada 100 mil habitantes, passa a ser considerado um índice insuportável, e os números podem ser comparados a países que estão de alguma forma em um “estado de guerra”.

Campina Grande também faz parte dessa realidade de guerra civil não declarada. Em 2001, de acordo com os dados fornecidos pela Secretaria de Segurança Pública, foram 106 homicídios, em 2009 foram 152 pessoas assassinadas, nos mostrando assim o aumento da criminalidade e da quantidade de vítimas. Assim, em 2009, esta cidade apresentou uma taxa de 39,6 homicídios para cada 100 mil habitantes. Somam-se a estes homicídios, atos de violência de vários tipos e quilates e que recheiam os noticiários da imprensa falada, escrita e televisada, além dos blogs e sites da mídia eletrônica. São assaltos e atentados armados em caixas eletrônicos de bancos e de agências dos Correios; assaltos em residências rurais e urbanas; sequestros relâmpagos; assaltos em transportes urbanos, resultando a queima de

ônibus; furtos e roubos á mão armada em lugares públicos; além de muitos outros atos intencionais de violência e vandalismo.

Pochmann e Amorim (2003) construíram o Atlas da exclusão social do Brasil. Os autores realizaram uma ampla pesquisa entre os anos 2000 e 2002 envolvendo os 5.507 municípios brasileiros. Procuraram apresentar estes dados em 41 mapas, entre regionais e nacionais, mostrando uma assim uma geografia da exclusão social no país. Através do cruzamento de diferentes indicadores que definem o padrão de vida da população, como o grau de pobreza e desigualdades de renda; o conhecimento através da taxa de alfabetização da população acima de cinco anos, jovens que estão fora das escolas, média de escolaridades dos chefes da família; e também o risco juvenil, porcentagem de jovens na população e a taxa de homicídios por 100 mil habitantes. Também verificamos estes dados para mostrar o aumento da violência e da desigualdade social no país, que como no interior do estado da Paraíba não poderia ser diferente.

Dado este cenário de violência, a questão é saber por que os índices aumentaram tanto nos últimos anos e onde estaria a razão do problema. É nesta direção que caminha nossa discussão, ao passo que levanta a assertiva de que a assistência social, jurídica e psicológica às vítimas de vários tipos de violência tem um valor em sinônimo e seguido às orientações solidárias e humanitárias, éticas e morais dos Direitos Humanos. Portanto, se não formos às causas do problema, continuaremos nesse clima de guerra civil não declarada, ao ponto de perdermos a própria capacidade de nos indignarmos contra essa “maré” de atentados contra á vida. O atendimento do CEAV abrange vítimas de todas as idades e de todas as raças e etnias, o que já nos dá uma amostra de como mais ocorre nesta cidade e circunvizinhança.

Podemos notar que o governo e todas as suas autoridades responsáveis não estão conseguindo reduzir estes números. O motivo pode ser a falta de políticas públicas adequadas que venham pelo menos minimizar estes altos índices, como na opinião da equipe de trabalho pertencente ao CEAV. Para estes a solução poderia ser uma maior criação de empregos e de renda, um maior investimento na educação, tal também na segurança pública. Como principal fator deste alto numero os técnicos citam o consumo de entorpecentes e de bebidas alcoólicas, como principal causa. Além destas medidas, programas educativos que combatessem a criminalidade pudessem conscientizar as pessoas para procurar evitar certos atos. Isto é sem dúvida nenhuma uma tarefa difícil, que só poderia ter resultado a um longo prazo, mas, no entanto, que teria que ser começada o mais urgente possível.

## **A violência e suas formas**

Existem vários tipos de violência, desde a violência doméstica até a violência simbólica. Cada qual destas possui características diferentes, mas, porém todas elas aferem contra o ser humano: Seja a partir de uma violência explícita ou de uma praticada contra a liberdade do indivíduo. Neste trabalho, analisamos todos os tipos de violência noticiadas entre as vítimas atendidas pelo CEAV - Campina Grande-PB de 2007 a 2012 e abrangendo todas as suas redondezas. Estas vão desde a urbana até a familiar, com as sequelas deixadas nas suas vítimas, tais como a depressão e o medo de sair à noite.

Quanto ao impacto da violência na sociedade, consideramos o que propõe Waiselfisz (2011) em que ao levantar o Mapa da Violência no Brasil, afirma que o contínuo incremento da violência pode ser visto como um aspecto que representa a atual organização da vida social. Vê a questão da violência e a segurança cidadã, como uma das maiores preocupações não só no Brasil, como também na América e no resto do mundo, isto comprovado nas pesquisas de opinião pública. Podemos ver a complexidade do tema violência, ao citarmos Zaluar (1991, p.10) que define que:

Violência vem do latim *violentia*, que remete a *vis* (força, vigor, emprego de força física ou os recursos do corpo em exercer a sua força vital). Esta força torna-se violência quando ultrapassa um limite ou perturba acordos tácitos e regras que ordenam relações, adquirindo carga negativa ou maléfica. É, portanto, a percepção do limite e da perturbação (e do sofrimento que provoca) que vai caracterizar um ato como violento, percepção esta que varia cultural e historicamente. As sensibilidades mais ou menos aguçadas para o excesso no uso da força corporal ou de um instrumento de força, o conhecimento maior ou menor dos seus efeitos maléficos, seja em termos do sofrimento pessoal ou dos prejuízos à coletividade, dão o sentido e o foco para a ação violenta. Além de polifônica no significado, ela é também múltipla nas suas manifestações. Do mesmo modo, o mal a ela associado, que delimita o que há de ser combatido, tampouco tem definição unívoca e clara.

A violência pode ser vista por muitos como uma ação referida de uma pessoa ou mais à outra ou outras. Mas também pode ser vista em muitos de seus casos como uma reação. As pessoas podem cometer um ato violento em virtude de estarem reagindo a uma determinada situação. Um exemplo disto pode ser uma criança moradora de rua, que comete um furto ou um assalto para conseguir dinheiro para sobreviver. Esta atitude pode ser mais vista como uma reação do que como uma ação. Mas nem sempre as pessoas que sofrem um tipo de violência são responsáveis pela situação de outras, como no caso a pessoa que foi assaltada pela criança, que lhe roubou a bolsa ou lhe feriu para tentar conseguir algo que lhe ajudasse de alguma forma.

O CEAV trabalha com diversos tipos de violência, já que dentro das sociedades contemporâneas existe uma série de atos que atingem não somente os seres humanos, mas

também todas as outras espécies e também contra o mundo em geral. Cabem as Ciências Sociais se preocuparem em detectar como estes atos ocorrem, e vem se proliferando de forma drástica na sociedade moderna. Podemos ver desta forma, que o conceito de violência não pode ser banalizado e compreendido apenas como agressões físicas ou expressões da criminalidade. Já que vivemos em uma sociedade que é estratificada e dividida em classes, pois em uma sociedade dividida em classes, a violência aparece de diversas formas, inclusive por meio da repressão do próprio Estado. Um dos problemas detectados na instituição é o medo das pessoas em denunciar estes casos. Seja como medo do agressor, seja com medo da opinião pública.

A exclusão social pode ser considerada uma das maiores causas da violência em geral, como também responsável para que as jovens de classe mais baixa, ou excluídos de alguma forma entrem no universo das drogas. Quanto ao trabalho do Estado no combate da exclusão social, Pochmann & Amorim (2007, p. 75), ressaltam que:

alterar a configuração geoeconômica do Brasil não é simples e tão-somente estimular a produção, incentivando o espalhamento da lógica industrial no Nordeste e Norte brasileiros. Vai além, significa enfrentar e eliminar velhas práticas políticas e implantar ações sociais que resgatem a cidadania da população excluída, dando-lhe as condições para sua emancipação econômica (POCHMANN & AMORIM, 2007, p. 75).

E quanto à relação das Ciências Sociais com o estudo da violência, podemos concordar com o que diz Wieviorka (1997, p. 10):

Enfim, a violência muda se considerar os modos de abordagem que, para apreendê-la nas ciências sociais, não podem mais ser os que antes eram utilizados. Há diversos raciocínios suscetíveis de constituir instrumentos de compreensão da violência, diversas tradições sociológicas, e pode-se mesmo considerar que não há teoria geral que não seja capaz de contribuir com um enfoque específico para a análise da violência. Mas, se é possível apresentar os principais modos de abordagem da violência, indicando para cada um sua quota de contribuição e seus limites, e refletir sobre as possibilidades que há de acumular conhecimentos, logo integrando as diversas proposições disponíveis em teorias complexas, é talvez ainda mais interessante ver como, segundo as épocas, certas ideias exercem uma influência ou têm um impacto predominante. (WIEVIORKA 1997, p. 10),

Para uma compreensão mais profunda acerca da pobreza e da violência é necessário um distanciamento do senso comum, frequentemente contaminado por ideias pretensamente científicas e pelos economicismos cotidianos. Sociólogos como Jessé de Souza recorrem a uma investigação mais rigorosa acerca das classes sociais e da desigualdade. Ao longo dos anos, constituiu-se uma classe social denominada por Souza (2009), como a *ralé brasileira*, caracterizada por não possuir os pressupostos para se integrar ao mundo contemporâneo do trabalho, estando condenada a um estado de subcidadania. Estas pessoas não recebem nenhum

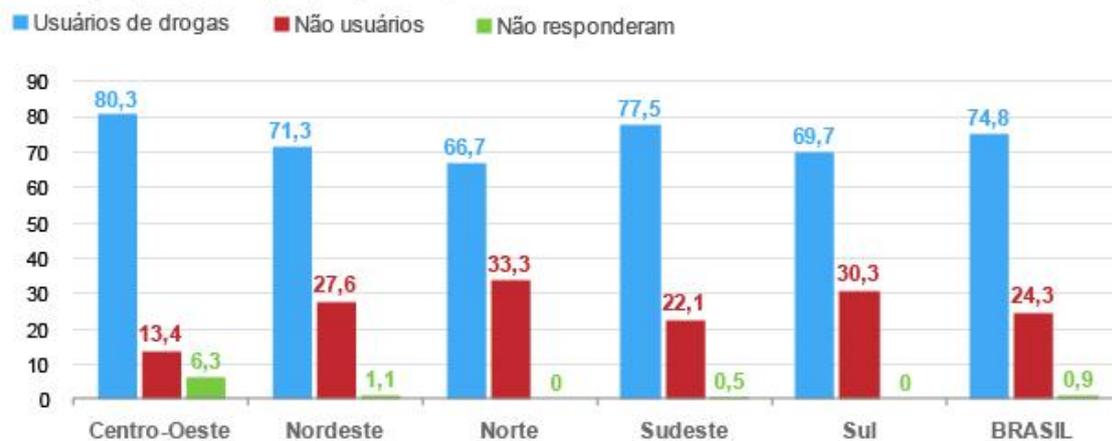
incentivo para que possam ter uma integração social adequada. Sendo assim, estes subcidadãos, como denomina Jessé de Souza (2012) são condenados ao fracasso escolar e profissional, terminando no desemprego e na marginalização. E numa sociedade de consumo, onde a felicidade e a identidade das pessoas estão ligadas às posses, é gerada uma frustração e uma revolta no indivíduo que o pode levar ao caminho das drogas e a gerar mais violência na sociedade. Jessé questiona se apenas a oferta de um emprego, deixando de lado a situação familiar, escola e cidadania, apenas isto fará com que este indivíduo deixe de consumir estes entorpecentes...

Quanto ao uso e ao tráfico de drogas, como sendo o maior fator da violência no país, podemos dizer que o maior numero de usuários são de jovens, sendo muitos deles menores de idade. Diversas pesquisas mostram que a maioria dos praticantes de crime possuem algum tipo de vício. Como exemplo, o Conselho Nacional de Justiça (G1 2012) divulgou os dados da pesquisa “Panorama Nacional, a Execução das Medidas Socioeducativas de Internação” que foi feita pelo Departamento de Monitoramento e Fiscalização do Sistema Carcerário (DMF) e pelo Departamento de Pesquisas Judiciárias (DPJ) de julho de 2010 a outubro de 2011 onde foram visitados os 320 postos de internação de adolescentes no país e foi constatado que muito mais da metade destes infratores, 17502 jovens na época, eram usuários. Além da relação com os entorpecentes, foram detectadas como principais causas a defasagem escolar e as famílias desestruturadas. Vejamos como exemplo o gráfico da pesquisa divulgada na internet pelo Portal G1:

Figura 1

### Uso de drogas por jovens em cumprimento de medidas socioeducativas

Distribuição por região do país, em porcentagem



Quanto às políticas e forças utilizadas pelos três estados no país – governo federal, estado e municípios – podemos dizer que agem da seguinte forma tentando prestar segurança a população, conforme Fiori... (2014)

El involucramiento de los **municipios** en funciones de seguridad es variable, si bien está normalmente restringido a actividades de prevención social (proyectos educativos, asistenciales, etc.) situacional (cámaras de vigilancia, alarmas, etc.) y policial (guardias). Las Guardias Municipales tienen la misión de preservar el patrimonio público (edificios, parques, etc.) y organizar el tránsito, aunque en la práctica puede contribuir en tareas de represión.

### **As políticas de assistência do CEAV**

O Centro de Atendimento às Vítimas de Crimes na cidade de Campina Grande (o CEAV-CG) é um programa da Secretaria Especial de Direitos Humanos do Governo Federal implantado nesta cidade em parceria com a Prefeitura Municipal através da Secretaria de Assistência Social e da Secretaria de Finanças do Município. Foi criado no ano de 2008, com a finalidade de dar assistência às pessoas vítimas de algum ato violento, ou que perderam algum parente em virtude da violência urbana.

Este órgão público procura trabalhar com a reestruturação moral, psíquica e social das vítimas diretas e indiretas de crimes como, homicídio, latrocínio, exploração sexual, violência doméstica e tentativa de homicídio, entre outros. Procura também fazer um trabalho educativo na sociedade, especialmente nas zonas tidas como sendo de maior risco. O CEAV tem também como um dos seus objetivos, identificar falhas de segurança, justiça, proteção e prevenção da violência. Procura valorizar os direitos humanos na sociedade, e em sua maior parte atua nas áreas periféricas da cidade, conforme informados nos dados.

Várias podem ser as sequelas deixadas em pessoas que sofreram ou viram determinados crimes. Estresse pós-traumático, ansiedade, insônia, fuga do convívio social, maior tendência a problemas cardíacos de pressão alta, entre outras. Assim se deve fazer um trabalho restaurador com estas vítimas para que possam superar estes traumas, afim de não prejudicarem a sua qualidade de vida. Uma pessoa que presenciou um assassinato pode adquirir uma insônia, um medo da sociedade, de ir para determinados lugares, de não deixar seus filhos saírem de casa. O CEAV trabalha na reestruturação pessoal, psicológica e social do indivíduo, podendo encaminhar caso notificado um usuário ou familiar para um centro de recuperação especializado. Esta função é muito difícil, conforme foi avaliado com os técnicos,

pois na maioria das vezes o usuário não quer um tratamento e a família às vezes sente vergonha de ter um familiar internado. Na maioria dos casos de violência registrados, o ato partiu de um viciado em droga, não sendo na sua residência, como também sendo por um desconhecido depois identificado.

A equipe técnica do CEAV é formada por uma coordenadora, duas assistentes sociais, duas pedagogas, um advogado, um psicólogo e funcionários da área de limpeza e segurança. Este órgão público trabalha em parceria com a SEMAS – Secretaria Municipal de Assistência Social - e com as entidades de proteção aos direitos de crianças e adolescentes, bem como, entidades de defesa dos direitos das mulheres e dos idosos. Destas entidades que trabalham em parceria com o CEAV, destacamos, por exemplo, o projeto Sentinela e os Conselhos Tutelares, que fazem um trabalho de proteção e assistência ao menor.

No trabalho educativo de bairros as dificuldades são significativas, tanto como visitas às vítimas para orientá-las e acompanhá-las. Na logística, são encontradas dificuldades de locomoção dos servidores e educadores aos bairros e casas das vítimas; falta de equipamento para trabalhar; segurança dos servidores; salários, diárias, capacitação. Além disso, sua pequena equipe técnica é insuficiente e pouco equipada e preparada para cobrir todo o universo de crimes sofridos pelas vítimas que lhe pedem amparo e socorro e para cumprir a complexidade de objetivo ainda exposto. O CEAV procura atender tanto as vítimas quanto as famílias das vítimas, mas porem encontra grandes dificuldades. Fica a dúvida em aberto se quando conseguem encaminhar os usuários e os seus familiares para um centro de recuperação, se lá o trabalho possui a eficácia necessária e se também estes centros não possuem deficiências em suas estruturas.

Este problema da violência, do crime organizado, do narcotráfico não é comum apenas no Brasil, mas em diversos países do mundo, sendo praticamente em todos da América Latina. Consequentemente necessitam de políticas adequadas, mas não vistas, como no que diz Montero (2012):

Dicha política colocó como objetivo la seguridad de las familias, y si bien cumplía el mismo papel en la ley de seguridad nacional, nunca se estableció una estrategia clara para alcanzar lo planteado. Es decir, no existe una política pública concreta que coordine los esfuerzos gubernamentales e intergubernamentales.

## **O perfil das vítimas que procuram o CEAV**

Dos casos registrados pelo CEAV, muitos são de agressões à mulheres, idosos e as crianças, e os causadores destes atos em sua maior parte possuem algum tipo de vício, como em drogas ou em álcool, além de um descontrole psicológico, entre outros fatores. O CEAV atende a diversos casos, mas a o maior número de ocorrências tem sido (conforme levantamos nos dados e nas entrevistas) foi o da violência contra a criança e o adolescente, e especialmente, da violência contra o idoso. A violência contra a criança também vem aumentando nos últimos anos, na maioria das vezes dentro da sua própria casa, como constatado no depoimento obtido. O abuso sexual tem sido o maior atentado contra estas crianças. A denúncia muitas vezes parte dos vizinhos ou de familiares que procuram denunciar este crime cometido pelos pais e por padrastos. O mau trato contra crianças ainda é frequente mesmo sendo feitas leis que procuram proteger o menor e com repressões aos criminosos. Desde quando inaugurado, em julho de 2008, o CEAV recebeu em seus primeiros seis meses (conforme relatório de 2008), 41 denúncias de maus tratos contra crianças e especialmente idosos, sendo este o maior número de denúncias apuradas e o que mais evolui.

Questionamos se o programa “Bolsa Família” ajuda a diminuir estes problemas, já que funciona como uma ajuda de custo para combater a pobreza e outros problemas sociais, a equipe de trabalho expõe que este não resolve. Podemos entender isso no depoimento da Assistente Social Claudia (nome fictício) do CEAV em que diz que

“A gente faz a visita e vê que o pai é drogado, usa o “Bolsa Família” para comprar drogas e a família depende disso. Ela inibe a situação, mas a miséria continua a mesma. Podemos dizer que alivia, mas existem muitos problemas na família e em muitos dos casos as crianças chegam a não receber absolutamente nada”.

Quanto á localização destas pessoas, detectamos que as pessoas que residem em bairros de classe social mais alta estão menos expostas ou mais protegidas contra a violência. Podemos desta forma, ver que as pessoas que se encontram em áreas com maior exclusão social, estão mais pré-dispostas a violência, tanto no ato de cometer, como no ato de sofrer. Partimos da hipótese de que em áreas de situação social mais carente, se torna mais comum cenas de violência, pois estas também são mais carentes de assistências como a educação, segurança pública e geração de empregos, entre outros. Todos nós sabemos que na classe mais alta da sociedade é grande o consumo de drogas como a Cocaína, por exemplo, mas que nas classes mais baixas o consumo é bem maior e principalmente de outras drogas como a maconha e o crack. Além disto, os usuários podem consumir um determinado tipo de droga e

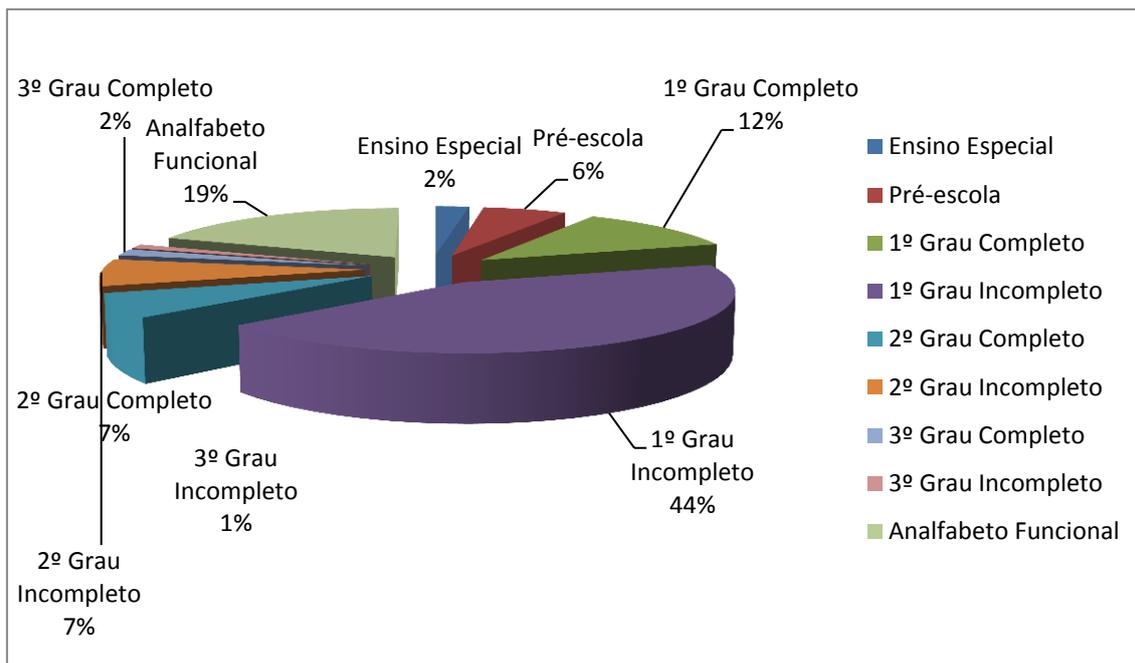
até mesmo de álcool, com motivações e intenções diferentes, muito em virtude da sua realidade naquele momento e dentro do espaço social. Podemos concordar com o que diz Costa (1999, p.237-243):

As maiores vítimas das violências e homicídios não são os ricos, mas os pobres e excluídos. Os privilegiados economicamente sempre podem contratar seguranças particulares, encerrar-se em condomínios de luxo protegidos ou transferir a família para Miami, como vem acontecendo no Brasil, em decorrência da onda de sequestros. Já os pobres não possuem meios e, em muitas situações, nem sequer podem contar com o poder público para se defender das violências, da polícia, dos traficantes ou de outros tipos de gangues. Comprovando esta realidade, algumas pesquisas revelam o caráter altamente segregado de centros urbanos, como nos casos de São Paulo e Los Angeles, onde os ricos encerram-se em espaços privados, verdadeiros enclaves fortificados para o lazer, trabalho, moradia e outras atividades.

Ainda no perfil de pessoas vítimas de crime que procuraram o CEAV em 2009, identificamos que as pessoas com um maior grau de escolaridade, com ensino superior completo ou incompleto, são menos afetadas pela criminalidade. Entre estas vítimas que procuram a instituição, quase metade delas possuem o primeiro grau incompleto. Outro percentual mais alto também é o de pessoas que possuem apenas o primeiro grau. O que mostra que as pessoas com um menor grau de escolaridade estão sendo mais expostas e residem em bairros periféricos da cidade.

O analfabetismo continua sendo um sério problema para a sociedade brasileira, menos tendo diminuído nos últimos anos, ainda se encontra em um grande número, principalmente nos estados do Nordeste. Quanto às pessoas, nesta categoria que sofreram algum tipo de crime e procuraram o CEAV, em 2012 encontramos 61 casos registrados. Podemos também ter a certeza, mesmo não tendo o número e o perfil dos criminosos, ou praticantes de qualquer delito, que estes também possuem um baixo índice de escolaridade, sendo muitos analfabetos.

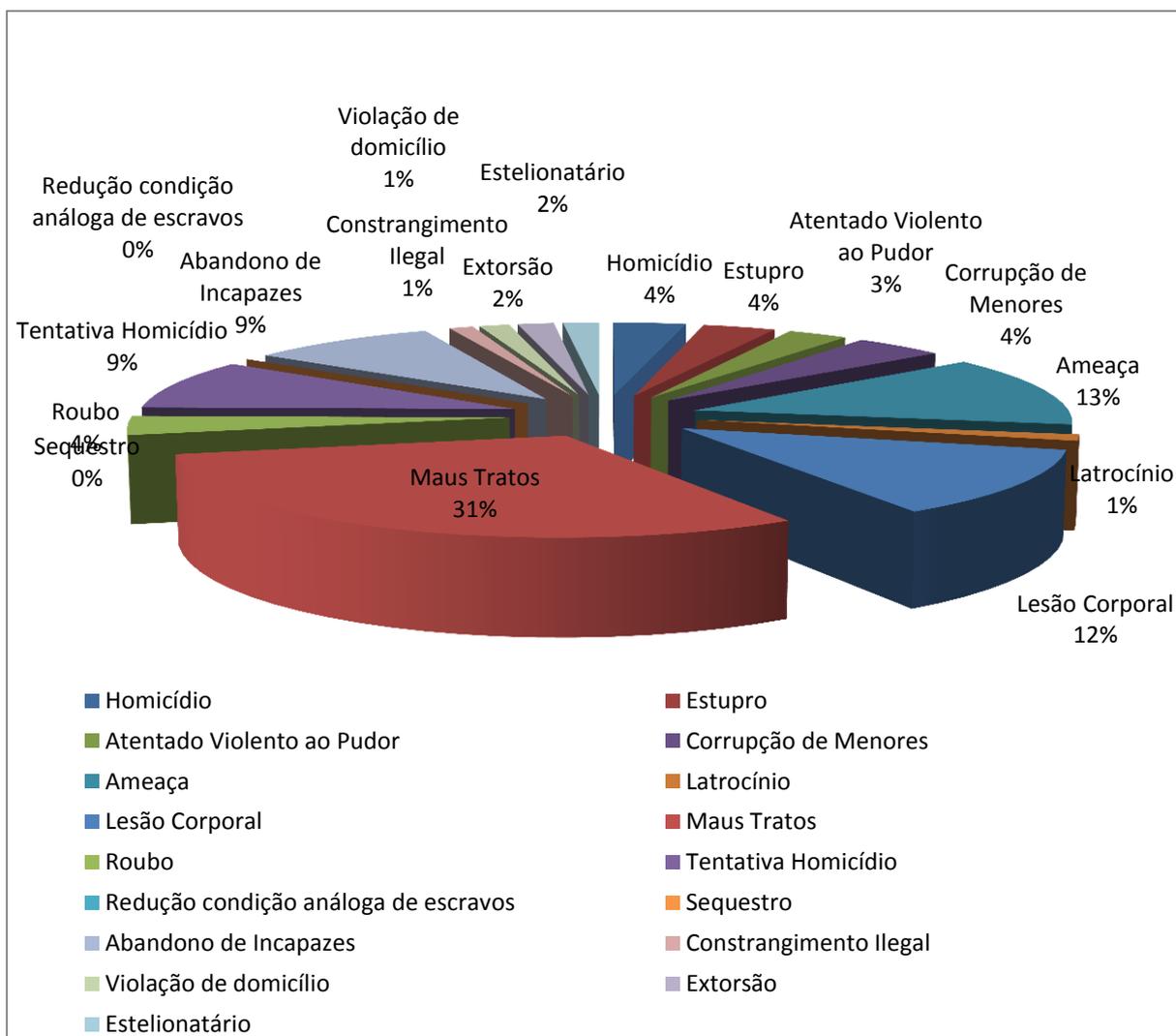
Gráfico I – Número dos casos de violência atendidos pelo CEAV por escolaridade.



Fonte: Sousa Jr. (2012).

Em sete meses no ano de 2008 o CEAV atendeu 143 vítimas de diversos crimes, enquanto que 2009 atendeu 180 pessoas, mostrando assim o elevado número de vítimas de algum tipo de delito no mesmo período. Quanto à população mais jovem da cidade de Campina Grande, destacamos o que publicou o Instituto Sangari no mapa da violência 2010, em que o estudo traz recortes relativos à idade entre as quais ocorreram os homicídios. Considerando as idades entre 0 e 19 anos, Campina Grande aparece no 10º lugar entre os 200 municípios com mais de 100 mil habitantes onde ocorreram mais homicídios. Um índice é de 51,6% entre os anos de 2003 e 2007. (Diário da Borborema, 31 de março de 2010). Estes números mostram o aumento da violência no interior do estado, a necessidade de outros órgãos que combatessem a violência, assim também como uma reestruturação da sua equipe e da sua logística, que não consegue atingir os seus objetivos. Fatores educacionais, culturais e econômicos também são fatores geradores e talvez apenas pesquisas voltadas para a segurança pública não resolvem este problema, algo visto nas entrevistas aos técnicos da instituição.

Gráfico II – Número de casos de violência urbana atendidos pelo CEAV – tipo de crime.



Fonte: Sousa Jr. (2012).

Quanto aos usuários de crack que procuram o CEAV, a equipe nos informou que a maioria destes também possuem as mesmas características encontradas nos dados acima, e que os seus familiares também se enquadram sendo as maiores vítimas. Podemos dizer que o perfil destes usuários é semelhante ao dos usuários das capitais brasileiras. Um estudo feito pela Fundação Osvaldo Cruz (PORTAL G1 2013) revelou que cerca de 370 mil pessoas usaram esta droga em pelo menos 6 meses no ano de 2012. Último ano da nossa pesquisa. E nos dados foram comprovados que 80% destes são homens, 80% não são brancos, 60% são solteiros, 40% vivem nas ruas, 30% já fizeram sexo para obter a droga, usuários tem 8 vezes mais HIV, o tempo médio de uso é de 8 anos (imagina-se o fim), a média de pedras por dia é de 16 e que 40% estão no nordeste.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao conhecermos os números do CEAV, e de informações dadas por especialistas, podemos dizer que o jovem, do sexo masculino, que é morador de regiões periféricas das grandes cidades, que abandonou cedo os seus estudos e não possui emprego, é o maior autor de crimes, como assaltos, furtos e assassinatos. Além disto, possui um vício de algum tipo de droga. Ao mesmo tempo em que este é o maior causador também é o perfil da maioria das vítimas de homicídio. Os jovens de ambos os sexos também são as maiores vítimas de assassinatos e estes em zonas tidas como periféricas.

No perfil das vítimas de crimes, detectamos as crianças, as mulheres e principalmente os idosos como sendo as principais vítimas. O crescimento do número de casos de violência contra idosos e crianças demonstra uma maior fragilidade destes e que na maioria dos casos necessitam de alguém para cuidar de si. Mas, em muitos casos estes responsáveis são as pessoas que lhes cometem algum atentado. No caso, a retenção do cartão benefício do idoso e do bolsa família (que seria para as crianças) surgiria como os fatores causadores destes delitos, e esta retenção para comprar ou pagar dívidas de entorpecentes. Os crimes sexuais contra mulheres são praticados na maioria das vezes por homens com quem estas se relacionam ou se relacionaram. Os pais, parentes próximos e pessoas responsáveis por cuidar das crianças são os maiores responsáveis por atos de violência.

Assim podemos concluir que faltam políticas públicas adequadas para o combate a violência e de assistência à usuários de drogas e familiares, principalmente no nordeste brasileiro, região menos desenvolvida em alguns setores e que possui lugares com alto índice de pobreza e de conseqüentemente de viciados em algum tipo de droga. O CEAV tem que atender uma demanda muito maior do que a que pode, com uma equipe técnica pequena e com problemas de logística. O problema da violência nas sociedades modernas aumenta a cada dia, paralelamente com o aumento do desemprego, do narcotráfico e com outros fatores causadores de atos de agressão a outras pessoas. Podemos notar que a maioria destes atos vem da própria casa que a vítima mora, não de fora como aparentemente se vê. Deve ser feito um trabalho mais aprofundado diretamente nas casas e comunidades mais atingidas, fazendo assim um trabalho mais microssocial, do que um trabalho tão macro para estas vítimas.

Agora é importante não transformar o diagnóstico, a identificação das causas, em motivo para mais violência. No caso, afirmar que as áreas urbanas mais desprovidas de recurso facilitam a criminalidade não significa dizer que os moradores dessas áreas sejam culpados. A retenção dos benefícios ocorre em função de outros problemas, como o tráfico e o vício em drogas, de um descontrole emocional e de alcoolismo. Também temos que combater

estas causas ao invés de apenas punir os agressores, embora muitos ajam sem nenhuma compaixão de suas vítimas, sendo muitas inocentes e indefesas. Esses números de Campina Grande e sua região são semelhantes ao que é visto na capital do estado e suas cidades circunvizinhas, além de visto em outras cidades no seu interior e sertão, como Patos e Souza, por exemplo, sempre reinando em noticiários na área policial, assim como a maioria das cidades do nordeste brasileiro.

## REFERÊNCIAS

COSTA, M. R. "Violência e ilegalidade na sociedade brasileira". In: SOUZA, A.A.; LINS, S.C.; SANTOS, M.P.C. e SANTOS, M.C. (org.). **Metrópole e globalização: conhecendo a cidade de São Paulo**. São Paulo, Cedesp, 1999, p.237-243.

FIORI E. R. Políticas de seguridad en el Brasil de los mega-eventos,: **Revistas de La Fahce, Cuestiones de sociología**, vol. 10, La Prata 2014

<http://PORTAL.G1.GLOBO.COM/brasil/noticia/2012/04/75.com>

<http://PORTAL.G1.GLOBO.COM/ciência-e-saúde/noticia/2013/09>

MONTERO, J. C. La estrategia contra el crimen organizado en México: análisis del diseño de la política pública, **Perfiles latinoamericanos**. vol.20 no.39 México ene./jun. 2012

POCHMANN, M.& AMORIM, R. **Atlas da Exclusão Social no Brasil**. São Paulo: Cortez, 2003.

SOUSA JR., J. D. **O perfil das pessoas vítimas de crime na cidade de Campina Grande a partir de um estudo sobre o CEAV**. 2012. (Monografia em Ciências Sociais) – Universidade Federal de Campina Grande. Campina Grande, 2012.

SOUZA, J. **A construção social da subcidadania**. Belo Horizonte: UFMG, 2012 a.

\_\_\_\_\_. **A ralé brasileira: quem é e como vive**. Belo Horizonte: UFMG, 2009.

WASELFISZ J. J. **Mapa da Violência 2011: Os Jovens do Brasil**. São Paulo: 2011.

WIEVIORKA, M. O novo paradigma da violência, **Tempo Social**; Rev. Sociol. USP, São Paulo, 9(1): 5-41, maio de 1997.

ZALUAR, A. "Um debate disperso: violência e crime no Brasil da redemocratização" **São Paulo em Perspectiva**. Revista da Fundação Seade. 13 (3). 1999.

